

CADERNOS 30

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



Clássicos greco-latinos traduzidos por mulheres no Brasil

Entre a afronta e a ironia: traduzindo os diferentes registros da agressão em textos polêmicos do século XVI

Elaine C. Sartorelli¹

Resumo: Este texto propõe uma breve reflexão sobre alguns desafios específicos da tradução de discursos satíricos e polêmicos do século XVI. Por um lado, destaca-se a dificuldade de traduzir textos cômicos, cuja eficácia frequentemente depende de referências contextuais pouco acessíveis ao leitor contemporâneo — o que pode levar à “perda da piada”, sobretudo quando se trata de alusões eruditas ou de jogos linguísticos que envolvem também a língua grega. Por outro, ressalta-se o desafio de manter o tom veemente e, por vezes, agressivo dos discursos religiosos da época, cuja virulência pode soar surpreendente e mesmo chocante para o leitor atual. Tais questões são exploradas a partir de exemplos retirados de traduções, realizadas pela autora, de excertos de Erasmo de Rotterdam, Miguel Servet e João Calvino.

Palavras-chave: sátira; discurso polêmico; século XVI.

Abstract: This paper offers a brief reflection on some specific challenges involved in translating satirical and polemical discourses from the 16th century. On the one hand, one of the main dif-

1 Graduação em Latim pela Universidade de São Paulo (USP). Mestrado e Doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas da USP. Pós-doc na Université Bordeaux-Montaigne, na França. Docente de Latim na USP, dedica-se à pesquisa do Humanismo. Publicou traduções de Erasmo, Pico della Mirandola, Giordano Bruno, Miguel Servet, João Calvino. É uma das fundadoras e líderes do Grupo de Pesquisa “República das Letras”. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Retórica (2013-2014).

faculties lies in translating comic texts, whose effectiveness often relies on contextual references that may be inaccessible to contemporary readers, resulting in the potential “loss of the joke,” especially when such humor draws on scholarly allusions or linguistic play involving the Greek language. On the other hand, it points to the challenge of preserving the vehement and, at times, aggressive tone of religious discourse from the period, whose virulence may strike modern readers as surprising or even shocking. These issues are explored through examples drawn from translations by the author of excerpts by Erasmus of Rotterdam, Michael Servetus, and John Calvin.

Keywords: satire; polemical discourse; 16th century.

Os textos de que tratamos aqui são, por natureza e em essência, portadores de um caráter multilinguístico indissociável de sua concepção. Primeiramente, porque são discursos pertencentes ao movimento cultural a que chamamos Renascimento, o qual se deu em torno de questões de filologia, ramo do conhecimento que se tornou obsessão na Europa da transição da Idade Média para a Moderna. Vem dos humanistas, aliás, a invenção do tempo como uma linha dividida entre a brilhante Antiguidade idealizada, o *interuallum* marcado pelas “trevas”, a que também chamaram *Medium Aeuum*, e sua própria época, que voltava as costas com desprezo para os escolásticos *recentiores*. Assim, a própria definição de “renascimento” contém em si o resgate daquele passado que havia ficado sepultado desde que, já no século IV, Amiano Marcelino havia constatado com profunda angústia que a Europa havia se transformado em um cemitério de livros, “com as bibliotecas fechadas para sempre, à maneira de sepulcros” (*bibliothecis sepulchrorum ritu in perpetuum clausis*, Res gestae XIV.6.18).² E foi seguindo a rota das palavras na direção do passado que desejavam recuperar que os humanistas, por assim dizer, inventaram o tempo. E essa percepção foi concebida e elaborada a partir dos estudos filológicos.

O universo em que os humanistas se moviam era o da *Latinitas*. Se o latim escolástico era antes funcional, a serviço da filosofia e da teologia e sem quaisquer intenções lúdicas, o neolatim renascentista redescobriu os gêneros do discurso, o *apte dicere*, a ornamentação como estratégia também argumentativa. *Lingua franca*, veicular, mas também de aparato, o latim tornou-se o critério pelo qual se era aceito ou recusado em sociedade. Mesmo aquele que conhecesse perfeitamente o latim escolástico ou jurídico mas não dominasse as *elegantiae*

2 Todas as traduções são da autora.

dos autores clássicos seria ridicularizado e receberia o então temível e excludente apodo de *barbarus*.³

Foi Lorenzo Valla o principal legitimador do latim clássico como único aceitável para um humanista enquanto, porém, os registros escolástico e eclesiástico continuavam a ser amplamente usados. Por isso, Valla impõe-se a tarefa de resgatar o latim que havia sido corrompido pelos gramáticos medievais como uma missão de libertação. Tendo “o Império Romano se perdido” (*amisso Romano Imperio*), “até quando suportareis que a latinidade seja oprimida pela barbárie” (*quousque tandem... patiemini latinitatem a barbaria oppressam*), pergunta-se, assumindo para si o papel de *Cicero Pater Patriae* no combate contra os novos Catilinas que são os maus gramáticos...

A preocupação em “desbarbarizar” as línguas vernáculas estará presente também nos primeiros tratados de tradução. Por exemplo, o de Etienne Dolet, *La manière de bien traduire d’une langue en autre*, de 1540, em que, pela primeira vez, usam-se em língua francesa os termos *traduction* e *traducteur* (DELISLE-WOODSWORTH, 1995, p. 277). Dolet (1540, p. 7) afirma que, elevando o francês à condição de língua para escrita literária, “os estrangeiros já não nos chamarão bárbaros” (*les estrangers ne nous appelleront plus Barbares*).

Temos, então, uma série de diferentes línguas latinas convivendo em um texto: o neolatim dos humanistas, com sua preocupação de se desvincilhar do latim escolástico, o latim dos textos clássicos recém-recuperados e o latim eclesiástico, e mesmo o latim de um italiano como Lorenzo Valla, que insiste frequentemente no Prefácio de suas *Elegantiae* (1441) em que os romanos antigos eram seus “antepassados” (*maiores*), e o latim de um homem do norte da Europa que recebeu sua formação bem longe dos centros italianos do Renascimento, como Erasmo. É claro que a produção em latim de cada um desses homens refletia também os elementos de suas línguas de origem, bem como as condições de aprendizagem do latim nos diferentes ambientes. Esses elementos conferem à escrita humanística imediatamente um traço de bilinguismo, uma vez que o latim não era sua língua nativa. Havia, então, naquele momento, um movimento de mão dupla: por um lado, falantes de línguas vernáculas se dedicavam ao estudo e à prática do latim tal como o imaginavam na época romana, a partir dos textos recém-recuperados, e, por outro, também nesse momento estava em curso o processo chamado *volga-*

3 Cf. SARTORELLI, E. C. “Os bárbaros de Erasmo”, no livro *Antigos estranhos: alteridade e diversidade no Mundo Clássico* (2022).

rizzamento, ou seja, legitimar pela escrita douta, segundo os critérios herdados do latim clássico, aqueles idiomas que, falados, não haviam ainda adquirido o *status* de língua literária.

E, ainda que tenha escrito toda a sua obra gigantesca em latim, língua para ele viva e operante, Erasmo era alguém cuja língua nativa era o neerlandês e cujo apego pelos autores gregos e helenismos lhe granjeou o apelido de *Graculus*, o “Greguinho”. Entre seus detratores, houve mesmo quem fizesse um trocadilho com *Graculus*, “gralha”, para dar-lhe o pouco elogioso epíteto de *Graculus Graeculus* (TOURNOY, 2003, p. 405).

Temos ainda o enorme mosaico de gêneros praticados no século XVI. A tradução dos textos quinhentistas para o português brasileiro contemporâneo apresenta, assim, a preocupação de ser capaz de transitar entre os vários gêneros literários que, mesclados, formavam a produção letrada daquele momento. No caso de um autor como Erasmo, é preciso ainda levar em conta que a prática dos gêneros baixos está a serviço da transmissão de conteúdos sublimes e que técnicas e estratégias geralmente associadas à sofística são empregadas por ele com finalidade pedagógica e mesmo teológica. Por exemplo, o *Elogio da Loucura*, chamado pelo autor de “uma declamaçãozinha”, é um encômio paradoxal com elementos de sátira menipeia, comédia, paródia, diálogo, provérbios da cultura popular do norte da Europa e outros componentes associados ao jogo discursivo que, fundidos e assimilados por ele, assumem contornos de pregação cristã, transformando-se em *enchiridion*, sermão, parábola, *contemptus mundi*, espelho de príncipes etc. A tradução deve, portanto, recriar na língua de chegada a comicidade do original, sem perder de vista, no entanto, que, no fundo, não se trata de um texto cômico. À dificuldade de traduzir um discurso satírico de outra época e cultura, soma-se a especificidade de evitar o vocabulário que cremos estar autorizados a utilizar com finalidade humorística.

Erasmo propõe ainda a seu leitor (e muito mais a seu tradutor) a prática da *uarietas*. Este é mesmo um dos princípios fundamentais de sua obra, tal como o expôs no mais famoso manual de oratória do século XVI, o *De Copia*, tratado sobre a abundância, que teve 60 edições nos primeiros 18 anos desde sua aparição, atingindo a marca fabulosa de 165 reedições até 1569, uma média de três reedições por ano, e chegou a 168 edições em 1580 (MACK, 2011, p. 76). Em belíssimo livro de 1979 cujo título, perfeito, é *The Cornucopian Text*, Terence Cave demonstrou que o método ensinado por Erasmo da *uarietas* formou e transformou as ideias do século XVI sobre ler e escrever e estimulou os experimentos estilísticos de Ronsard, Rabelais e Montaigne.

No *De Copia*, Erasmo demonstrou seu método dizendo a mesma coisa de várias formas. Uma sentença simples como “sua carta me agradou muito” (*tuae litterae me magnopere delectarunt*), ele a variou de 195 maneiras; a sentença “sempre, enquanto eu viver, lembrar-me-ei de ti” (*semper, dum vivam, tui meminero*), de 203 modos.

Traduzir Erasmo é, pois, levar em consideração que ele pode ter testado diferentes tipos de orações antes de optar por aquela que publicou. É, assim, significativo que ele tenha usado uma interrogativa, por exemplo, ou uma construção em voz passiva. Dessa forma, ainda que traduzir não seja verter a outro idioma palavra por palavra, é preciso estar atento para o fato de que ser fiel a Erasmo é procurar manter as diferentes variações que ele empregou.

Além disso, Erasmo coletou *sententiae* por décadas, publicando-as nos livros dos *Adágios*, chegando ao número de 4.151 provérbios. E estes são incorporados ao seu texto, frequentemente em grego, adicionando um problema extra à tradução. Como traduzi-los? Mantendo-os e recorrendo a uma nota explicativa ou substituindo-os por equivalentes nacionais? As editoras têm optado por traduzir os vocábulos em grego, sem ressaltá-los, em nome da fluência da leitura, e também porque o grego não significa hoje, para um leitor de português brasileiro, o mesmo que representaria para um humanista quinhentista. Mas o fato é que algo de importante se perde irremediavelmente nessa opção.

Ademais, a tradução de Erasmo não deve jamais recorrer ao baixo calão ou a estruturas deselegantes. Deve ser engraçada, mas não deve tampouco provocar o riso desbragado esperado em um Rabelais, por exemplo. O que temos em Erasmo é o sorriso filosófico do humanista, que, usando de ironia, afirma algo dizendo o seu contrário.

Vejamos, a título de ilustração, algumas soluções encontradas pela autora em sua tradução do *Elogio da Loucura*, cuja reedição, totalmente revista e corrigida, encontra-se em preparação para sair à luz.

Que diversões não proporciona aquele Priapo, feito de madeira de figueira? Que distrações não oferece Mercúrio, com seus furtos e truques? E até o próprio Vulcano costuma fazer papel de palhaço nos banquetes dos deuses, animando a bebedeira ao andar mancando, ou com tiradas engraçadas, ou com histórias ridículas. Em tais ocasiões também Sileno, aquele velho namorador, costuma dançar um ritmo indecente junto com Polifemo, que marca o ritmo com batidas no chão, enquanto as Ninfas dançam de pés descalços. Os sátiros meio-bodes improvisam sátiras atelanas; Pã provoca o

riso de todos com alguma cançoneta de mau gosto, que eles preferem ouvir a escutar as próprias Musas, especialmente quando já começam a encher a cara de néctar.

Quos enim non praebebat iocos ficulnus ille Priapus? Quos non ludos exhibebat furtis ac praestigiis suis Mercurius? Quin et Vulcanus ipse in Deorum conciliis γέλωτοπόσιον agere consuevit, ac modo claudicatione, modo cauillis, modo ridiculis dictis exhilarare comotationem. Tum et Silenus ille senex amator, τὴν κόρδακα saltare solitus, una cum Polyphemo τὴν θρηττανήλο, Nymphis τὴν γυμνοποδία saltantibus. Satyri semicapri Atellanas agitant, Pan insulsa quapiam cantuuncula risum omnibus mouet, quem ita malunt, quam ipsas audire Musas, praecipue cum iam nectare coeperint madere (*Stultitiae Laus*, cap. XV).

Nesse trecho, tivemos de lançar mão de notas explicativas ao leitor. A primeira informando que Priapo, divindade associada à fertilidade, é sempre representado com um falo desproporcionalmente grande em estátuas que, colocadas no jardim para afastar o mau-olhado, eram esculpidas em figueira, árvore de Dioniso cuja madeira era considerada “inútil” (*inutile lignum*, no verso de Horácio, *Sátiras* 1.8.1). Em seguida, que Mercúrio, o mensageiro dos deuses, era também o deus das trapaças e da prestidigitação, e que Sileno era um velho sátiro de aspecto animalesco, preceptor de Baco e seu companheiro de copo. Quanto ao córdax, uma dança obscena apropriada para a comédia e ao ritmo que o Ciclope, gigante de um olho só, teria marcado com a cítara para conquistar Galateia, estas são informações que o leitor capaz de ler em latim no século XVI já possuía, mas que atualmente estão restritas a um público de classicistas bem reduzido. O mesmo com as atelanas, composições teatrais latinas representadas por comediantes contratados, os *histriones*, e que já eram consideradas obscenas e de mau gosto no período republicano. Fornecemos também em uma nota a informação de que Pã, divindade metade homem, metade bode vivia nos bosques ermos e gostava de assustar quem estivesse caminhando por esses lugares isolados com seus gritos terríveis, sendo esta a origem da palavra “pânico”. Como se depreende apenas por esse exemplo, trata-se de um humor feito de referências eruditas, gregas e latinas, em grego e em latim, e que certamente eram de conhecimento de todos aqueles para quem Erasmo escrevia. A tradução atual, no entanto, vê-se dividida entre a fidelidade ao texto *ipsis litteris* e a fidelidade ao espírito do texto, considerando que a comicidade é impossível onde o texto não seja compreendido. Outro exemplo:

Ou acaso não vedes que esses homens sombrios, entregues a seus estudos de filosofia ou a sérias e árduas ocupações, na maioria das vezes já envelheceram antes mesmo de serem jovens, evidentemente pelas preocupações e por uma agitação contínua e dolorosa de seus pensamentos que lhes exaure pouco a pouco o espírito e a seiva vital? Em contrapartida, os meus loucos estão gordinhos, reluzentes e com a pele bem tratada, como porcos de Acarnânia, como se costuma dizer; nunca hão de experimentar nenhum dos incômodos da velhice, a não ser que, como acontece às vezes, sejam infectados pelo contágio dos sábios.

An non uidetis tetricos istos et uel Philosophiae studiis, uel seriis et arduis addictos negotiis plerumque priusquam plane iuuenes sint, iam consenuisse, uidelicet curis, et assidua acrique cogitationum agitatione sensim spiritus et succum illum uitalem exauriente? Cum contra Moriones mei pinguculi sint, et nitidi, et bene curata cute, plane χοῖροι, quod aiunt, Ἀκαρνάνιοι, numquam profecto senectutis incommodum ullum sensuri, nisi nonnihil, ut fit, sapientum contagio inficerentur. (Stultitiae Laus, cap. XIV)

Temos aqui um dos muitos exemplos de um provérbio usado por Erasmo, o que, mais uma vez, exigiu uma nota na tradução sobre essa região agrícola grega que – proverbialmente – era sinônimo de rebanhos fartos e saudáveis.

Impõe-se também a dificuldade de traduzir para um público que, por mais erudito que seja, provavelmente não terá conhecimento sobre minúcias ou mesmo anedotas da Antiguidade que certamente circulavam entre os membros da República das Letras e, especialmente, os leitores dos *Adagia* erasmianos, mas que são muito distantes para nós.

Como exemplo, vejamos este passo sobre o deus Baco, em que é imprescindível informar ao leitor que “mórico” significa “manchado”, “lambuzado”:

E, para completar, está tão longe de querer ser considerado sábio que se diverte em ser cultuado por meio de brincadeiras e de jogos. E não se ofende com o provérbio que lhe atribui o apelido de tolo, a saber: mais tolo do que o Mórico. Além disso, deram-lhe o apelido de Mórico porque, uma vez que a estátua dele ficava do lado de fora do templo, a irreverência dos camponeses costumava sujá-lo com mosto e figos frescos. E existe algum deboche que a comédia antiga não lance contra ele? “Ó, deus ordinário! – dizem-lhe –, só podia ter nascido da virilha!”

Denique tantum abest, ut sapiens haberi postulet, ut ludibriis ac iocis coli gaudeat. Neque prouerbio offenditur, quod illi fatui cognomentum attribuit, id est huiusmodi, Μορύχου μωρότερος. Porro Morycho nomen uerterunt, quod illum pro templi foribus sedentem, musto ficisque recentibus, agriculturalum lasciuia consueuerit oblinere. Tum autem quid non scommatum in hunc uetus iacit comoedia? O insulsum, inquit, Deum, et dignum qui ex inguine nasceretur. (Stultitiae Laus, cap. XV)

E nada mais erasmiano que empregar palavras gregas com o intuito de zombar de quem recorre ao emprego de palavras gregas, o que infelizmente se perde em uma tradução que não se pretende acadêmica e para especialistas.

Pareceu-me adequado também de nossa parte, pois, imitar os rétores de nosso tempo, os quais claramente se creem deuses se, à maneira da sanguessuga, mostram duas línguas, e que consideram um feito grandioso entrelaçar em seus discursos latinos algumas palavrinhas gregas aqui e ali, como se fossem pecinhas decorativas em um mosaico, ainda que ali não seja lugar para elas. De fato, se lhes faltam palavras exóticas, então desencavam de uns pergaminhos apodrecidos umas quatro ou cinco palavras arcaicas, com as quais derramam trevas sobre o leitor, evidentemente para que aqueles que as entendem se comprazam mais e mais consigo mesmos, e aqueles que não as entendem sintam, por isso mesmo, mais admiração. Pois, de fato, um tipo de prazer não desprovido de elegância dos nossos tolos é este de buscar o mais possível as palavras mais estrangeiras possíveis. E se houver alguns um pouco mais ambiciosos, que riam e aplaudam e, a exemplo do asno, movam as orelhas, para que fique evidente para os demais que eles entenderam tudo perfeitamente.

Visum est enim hac quoque parte nostri temporis Rhetores imitari, qui plane Deos esse sese credunt, si hirudinum ritu bilingues appareant, ac praeclarum facinus esse ducunt, Latinis orationibus subinde Graeculas aliquot uoculas, uelut emblemata intertexere, etiam si nunc non erat his locus. Porro si desunt exotica, e putribus chartis quatuor aut quinque prisca uerba eruunt, quibus tenebras offundant lectori, uidelicet, ut qui intelligunt, magis ac magis sibi placeant: qui non intelligunt, hoc ipso magis admirentur quo minus intelligunt. Quandoquidem est sane et hoc nostratum uoluptatum genus non inelegans, quam maxime peregrina maxime suspicere. Quod si qui paulo sunt ambitiosiores, arrideant tamen et applaudant, atque asini exemplo τὰ ὄντα κινήσι, quo caeteris probe intelligere uideantur, Καὶ τὰῦτα δὴ μὲν τὰῦτα. (Stultitiae Laus, cap. VI).

Há outro ponto importante aqui: como “traduzir” para o latim clássico (recuperado e praticado pelos humanistas) o latim rude e deselegante da Vulgata?

Os ciceronianos, impedidos de empregar qualquer tipo de vocábulo que não tivesse sido usado por Cícero, optaram por substituir o léxico cristão por equivalentes romanos. Erasmo zomba impiedosamente dessa prática no diálogo “O Ciceroniano”:

Suponhamos, pois, um exemplo. Esta sentença: “Jesus Cristo, Verbo e Filho do Pai Eterno, Salvador e Senhor, veio ao mundo e se fez homem segundo as profecias, entregou-se à morte espontaneamente e redimiu sua Igreja e afastou de nós a ira do Pai ofendido e nos reconciliou com Ele, para que, justificados pela graça da fé e libertados da tirania de Satanás, entremos livres na Igreja e, perseverando na comunhão da Igreja, alcancemos após esta vida o reino dos céus”. O ciceroniano a anunciará assim: “O intérprete e filho de Júpiter Ótimo Máximo, protetor, rei, desceu voando do Olimpo à terra segundo as respostas dos vates e, tendo tomado figura de homem, ofereceu-se espontaneamente em sacrifício aos deuses manes em nome da salvação da República, e assim conduziu à liberdade sua assembleia (ou cidade ou República), e extinguiu o raio de Júpiter Ótimo Máximo disparado contra nossas cabeças, e nos reconciliou com ele, para que, restabelecidos à inocência pela munificência da persuasão e manumissos da dominação do sicofanta, sejamos admitidos na cidade e, perseverando na sociedade da República, possuamos, quando os fados nos chamarem desta vida, as coisas mais supremas em companhia dos deuses imortais”.

(Bulephorus) Fingamus igitur exemplum. Hanc sententiam: “Iesus Christus, uerbum et filius aeterni patris, <saluator, Dominus>, iuxta prophetias uenit in mundum ac factus homo sponte se in mortem tradidit ac redemit ecclesiam suam offensique patris iram auertit a nobis eique nos reconciliauit, ut per gratiam fidei iustificati et a <satanae> tyrannide liberati inseramur ecclesiae et in ecclesiae communionem perseuerantes post hanc uitam consequamur regnum caelorum” sic efferet Ciceronianus: “Optimi Maximique Iouis interpres ac filius, seruator, rex, iuxta uatum responsa ex Olympo deuolauit in terras et hominis assumpta figura sese pro salute rei publicae sponte deuouit diis manibus atque ita contionem (siue ciuitatem siue rem publicam) suam asseruit in libertatem ac Iouis O- M- uibratum in nostra capita fulmen restinxit nosque cum illo rededit in gratiam, ut persuasionis munificentia ad innocentiam reparati et a sycophantae dominatu manumissi cooptemur in ciuitatem et in rei publicae societate perseuerantes, cum fata

nos euocarint ex hac uita, in deorum immortalium consortio rerum summa potiamur”. (*Dialogus Ciceronianus*, 154.915-916)

E Erasmo foi, ele mesmo, tradutor do grego para o latim, trabalho que foi uma parte importante e mesmo essencial em sua carreira. Parte que, no entanto, tem sido totalmente esquecida, uma vez que as traduções vernaculares se impuseram e mesmo as traduções de Erasmo teriam hoje de ser, elas mesmas, traduzidas. Ficou totalmente ultrapassada, por exemplo, a informação de que o holandês traduziu para o latim as tragédias de Eurípedes. Resta por fazer, por exemplo, um estudo das razões por que sua tradução de *Ifigênia em Áulis* resultou mais longa que a peça original em 717 versos (RUMMEL, 1985, p. 37).

O que tem sido sempre ressaltado é sua edição do Novo Testamento, em que apresentou soluções diferentes – e contestadas – daquelas de Jerônimo na Vulgata, a qual é, precisamente, a tradução para o latim dos textos bíblicos em suas línguas originais, o hebraico e o grego, tendo como pano de fundo o cenário de crise e desolação produzido pelas sucessivas invasões bárbaras. A Vulgata é, assim, marca de permanência e de transformação: ao mesmo tempo em que era a transposição dos textos bíblicos para a língua de um império em colapso, era o marco da passagem do cristianismo para o ocidente, e, assim, o selo de autenticação de sua romanização, que solidificou a permanência do latim como a língua ocidental por excelência.

Mas, a despeito de sua importância, era uma tradução... Um humanista como Erasmo, fiel ao princípio *ad fontes*, procedeu com o *corpus* jeronimiano da mesma forma que havia trabalhado com autores pagãos: tratando-o como trabalho de um homem. Conhecedor de cinco línguas (πενταγλώττω *Hieronymus*), é verdade, mas, como todo tradutor, passível de erro.

Assim, o holandês preparou, em 1516, sua primeira edição crítica do Novo Testamento, o *Nouum Instrumentum Omne*. Em colunas, trazia a versão em koiné com o texto latino ao lado, de forma que o original grego funcionava como autenticação da versão usada e justificação da tradução erasmiana, que, dessa forma, atrevia-se a corrigir Jerônimo com “modificações chocantes” (BIA-GIONI, 2012, p. 13), que, do ponto de vista do dogma, causaram escândalo e alimentaram algumas das mais inflamadas discussões da Reforma. Como exemplo, podemos citar a demolidora questão acerca do chamado *comma Johanneum*: “há três que dão testemunho no céu, o Pai, o Logos e o Espírito Santo, e esses três são um” (1 Jo 5, 7-8), passo que daria fundamentação ao dogma da Trindade. Tendo consultado os códices gregos mais antigos que pôde encontrar, incluindo o manuscrito do Vaticano, Erasmo, priorizando o critério filológico, chegou à

conclusão de que se tratava de interpolação posterior e, portanto, excluiu-o de sua edição. Em face às acusações de arianismo e de pelagianismo, e, como sempre, tendo de se equilibrar entre os lemas *concedo nulli* (“não concordo com ninguém”) e *concordia, concordia, concordia*, acabou por voltar atrás e, aceitando levar em consideração um manuscrito claramente falsificado, reabilitou o trecho apócrifo na terceira edição, em 1522, fazendo-o não por convicção, mas por prudência (LEVINE, 1997, p. 589).

Outra polêmica foi a proposta de traduzir *λόγος* por *sermo*, não pelo tradicional *uerbum*, com argumentos extraídos da gramática⁴, motivo pelo qual foi acusado por Latomus, Zúñiga e mesmo Lefèvre d'Étaples de priorizar a filologia sobre todos os outros saberes (LOWRY, 1988, p. 135). Sua defesa foi a de que o seu estudo fora feito *priuate*, para ser discutido entre especialistas, não para a *plebecula*.⁵

E aqui adentramos em outra questão, igualmente rica e igualmente desafiadora, para quem traduz textos quinhentistas: são textos polêmicos que têm como pano de fundo as transformações religiosas da Reforma. O mundo em que Erasmo havia se tornado o maior nome do humanismo cristão já não era o mesmo em que, em meados do século XVI, a Inquisição havia imposto não apenas o silêncio, mas penas de morte aos dissidentes. Se as guerras religiosas dividiam a França, a Europa do Norte estava desde há muito esfacelada por revoltas milenaristas e por grupos insatisfeitos com a Reforma, em movimentos a que foi dado o nome de Reforma Radical. Novamente, temos camadas e desníveis: por um lado, um contexto teológico, com seu léxico específico e sublime, que, entretanto, por sua própria lógica intrínseca deve vir envolto pelo *sermo humilis*, ou gênero baixo cristão, cujas características são a rusticidade e a ausência de ornamentos – o que é, aqui, identificado com a verdade.⁶ E, por outro lado, temos os ataques aos

4 Por exemplo, *Verbum*, palavra neutra, e não pode traduzir “Deus”.

5 LEVINE, Joseph M. *The autonomy of history: truth and method from Erasmus to Gibbon*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999, p. 38. Para os usos da palavra *plebecula* em Erasmo, ver TRACY, James D. *Erasmus of the Low Countries*. Berkeley: University of California Press, 2022.

6 Para os estudiosos, há três razões principais pelas quais o *genus humile* se impôs como sinônimo da verdade na mentalidade cristã: primeiramente, o adjetivo *humilis* parece apropriado para descrever o rebaixamento da divindade à encarnação; segundo, o *sermo humilis* se harmoniza com a *humilitas* social daqueles que aderiram ao cristianismo em seus primórdios e, finalmente, o estilo baixo é aquele das Escrituras (AUKSI, 1995, p. 24). Em investigações anteriores, a autora propôs mais três razões: uma, inseparável do discurso cristão, que é propriamente ética ou moral; outra, relacionada à prática do *genus deliberatiuum*, pois, afinal, trata-se de converter; e uma terceira se deve à própria natureza das polêmicas.

adversários, os quais são inimigos da Verdade revelada e de Deus. Assim, outra questão igualmente importante é ser capaz de expressar em português o sublime do léxico teológico sem perder o tom de indignação e o toque de mordacidade dos textos polêmicos.

Tomemos como exemplo outro autor traduzido por esta pesquisadora, o “radical” Miguel Servet. Nascido em 1511 na Espanha recentemente unificada sob os monarcas católicos Fernando e Isabel, Servet tornou-se sinônimo de dissidência, um caso de heresia total (FRIEDMAN, 1978). Antitrinitariano,⁷ antipedobatista, milenarista e psicopanicista, levado ao tribunal por praticar astrologia judicial, médico envolvido nas polêmicas entre galenistas e arabistas, anatomista que descobriu que o sangue circula pelos pulmões para oxigenação, entre outras coisas, Servet escreveu sua obra-prima arqui-herética, *A Restituição do Cristianismo* (*Christianismi Restitutio*), secretamente na sede do palácio episcopal francês de Vienne, onde vivia sob nome falso. Em 1553, foi condenado à fogueira pelos católicos, e, tendo fugido, foi queimado em efígie; meses depois, tornou-se a primeira pessoa queimada por heresia em uma cidade reformada – neste caso, Genebra. Seu duelo com Calvino antes de morrer em uma pira de lenha verde inspirou Sebastião Castellion (1515-1563) a escrever o primeiro manifesto pela liberdade de consciência e pela tolerância religiosa, 235 anos antes da “Déclaration des Droits de l’Homme et du Citoien” (Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, 1789).

Aqui há uma mudança de tom que ilustra a mudança dos tempos. Se Erasmo se identificava com a elegante sátira horaciana e com a menipeia, que se ria dos vícios de todos mas não atacava ninguém *ad hominem*, nas polêmicas reformistas estamos já em plena linguagem do vitupério, com um estilo próximo ao do panfleto. A ideia é golpear o adversário, considerado mentiroso, sofisticado e herético. A suave ironia erasmiana é, pois, substituída por um linguajar que hoje talvez poucos pudessem imaginar encontrar em textos teológicos, mas que era a regra naquele momento.

Citemos como exemplo este trecho, extraído do livro *Christianismi Restitutio*, traduzido parcialmente por esta pesquisadora.

Há no Papado a Trindade do Dragão, da Besta e do Pseudopofeta. A Trindade papística, constituem-na três espíritos realmente distintos, a que

7 Mais propriamente antinicensino, ou seja, contrário ao dogma trinitário imposto por Constantino no Concílio de Niceia, em 325.

João, por muitas razões, chama “três espíritos imundos como rãs”: porque, como as rãs, procedem das águas imundas do abismo e são, como as rãs, animais anfíbios; porque, no coaxar das rãs, balbuciam sincopadamente trin-da-de; porque, pelo imundo poder desses três, com suas três qualidades infusas, o Papa batiza as rãs na imundícia. A água das rãs é imunda e sua língua, presa. Daí que se chame a esse defeito da língua βάτραχος, rã. Rã é aquele que, fazendo ruídos com a língua, não é capaz de exprimir sua fé. Rãs, portanto, batizam os papistas, com sua falsa fé na trindade. Como rãs verás as criancinhas debatendo-se e berrando com o grito das rãs em seu pedobatismo.

In Papatu est trinitas, draconis bestiae et pseudoprophetae. Trinitatem Papisticam faciunt tres realiter distincti spiritus, qui Ioanni dicuntur tres immundi spiritus ranarum, multis rationibus. Quia sunt de abyssi aquis immundis, sicut ranae: amphibia animalia, sicut ranae: quia ranarum glottatione tres illi trinitatem concise balbucinant: quia eorum trium imunda virtute cum tribus qualitatibus infusis ranas Papa baptizat in immunditia. Aqua est ranarum immunda, et lingua earum est impedita. Vnde vitium linguae βάτραχος rana dicitur. Rana est, qui lingua sonans nequit fidem suam exprimere. Ranas ita baptizant Papistae, falsa trinitatis fide. Ranarum instar paruulus ibi videas calcitrantes, et ranarum clangore clamantes in paedobaptismo. (*Christ. Rest.*, p. 463)

A animalização é, aliás, um dos recursos mais utilizados pelos polemistas que visam a desumanizar o outro, atribuindo-lhe os traços do porco, do lobo, do burro, da serpente, da ave de rapina ou então dos ratos e de insetos asquerosos.

Vejamos o passo a seguir, em que Servet investe contra as ordens monacais:

Tal é a natureza dos gafanhotos e de outros animais gerados da podridão, que gostam de temperaturas e de locais quentes e úmidos, propícios à sua podridão. Reproduzem-se em quaisquer abrigos, em covas e buracos; amontoam-se à noite ou em tempo nublado e, uma vez nascido o sol, voam. (...) Se a um gafanhoto, dotado já de capuz pela natureza, vestirem um avental ou hábito monacal, terá um monge completo, um demônio mascarado. Joel se admira com razão do aspecto horroroso dessa gente encapuzada, a que nada semelhante se viu jamais, nem se verá. De assombro seriam tomados os apóstolos, se, voltando à vida, vissem agora esses monstros! De assombro seríamos tomados nós, se não estivéssemos acostumados a essas máscaras! O

poder da cauda desses gafanhotos é a falsa doutrina, como se fosse o veneno da cauda do escorpião.⁸

Ea est locustarum, et reliquorum ex putridine genitorum animalium natura, ut calidum et humidum ament tempus et locum, putredinis suae fomitem. In apricis quibusdam, sepibus et foueis generantur, nocturno seu nubiloso tempore coaceruantur, et orto postea sole uolant. (...) Si locustam, cui a natura est indita cuculla, induas lorica, seu monachaii sacco, habebis integrum monachum, laruatam daemonem. Admiratur merito Ioel horridum aspectum Populi huius cucullati, cui nunquam similis visus est, nec videbitur. Admiratione nos duceremur, nisi essemus laruis assuefacti. Postestas caudae harum locustarum est falsa doctrina quasi scorpionis caudae venenum. (*Christ. Rest.*, p. 479-480)

As associações com o torpe aproximam estes textos, cuja natureza é teológica, da sátira juvenaliana. A intenção é derrotar o “outro lado” completamente, desumanizá-lo, fazê-lo tombar. E, por isso, é preciso rebaixá-lo pelo recurso a palavras que pertençam ao campo semântico dos estilos baixos.

Por exemplo, um curioso episódio mencionado no Livro I de Samuel (6, 4-5) serve de pretexto para a ridicularização da prática dos ex-votos:

Cada um dos diferentes grêmios de artesãos, ferreiros, sapateiros, barbeiros e outros tem deuses particulares, aos quais cultua com festas e banquetes bacanais. Quando seus membros são tomados por alguma enfermidade, oferecem a esses deuses membros semelhantes, de cera, da mesma forma que os filisteus faziam ânus de ouro por causa de hemorroidas.

Vnumquodque artificum genus, fabrorum, sutorum, tonsorum, et reliquorum suos habet peculiare diuuo, quibus festas colit, et bachanalia conuiuia. Membra cerea illis diis offerunt, quando similis membri languore corripiuntur, sicut Phelistim anos fecerunt aureos propter haemorrhoidas. (*Christ. Rest.*, p. 420)

8 Nesse passo temos mais uma dificuldade: a palavra *larua*, que significa “demônio” ou “máscara”, quando esta é assustadora, significa ainda, no campo semântico em que está inserida aqui, “larva”, ou seja, a forma sob a qual o inseto se oculta enquanto em formação.

Outro trecho, que ressoa o lugar-comum da crítica à venda de indulgências e outras práticas do papado de então que envolviam dinheiro:

Se alguém refletir bem sobre o tráfico de benefícios e as negociatas dos tribunais, com seus pagamentos e reintegrações, descobrirá que nunca, desde a criação do mundo, houve tantos e tão grandes latrocínios, com títulos falsificados. Tudo se desenvolve agora segundo o código do meretrício: por meio de assédios constantes e tendo em vista a rapidez das transações. Que têm a ver com os apóstolos esses vigaristas e seus recursos, insinuações, privilégios, presentinhos e proteções? O papismo hoje não aspira senão à pompa e à opulência.

Si beneficiales hodie mercaturas, et forenses in eis negociationes, resignationes, ac deuolutiones quis bene cogitet nunquam a creatione mundi tot et tanta inuueniet fuisse latrocinia, cum coloratis titulis. Meretricio iure, certis rapinis, et celeritate cursus, omnia nunc deuoluuntur. Quid cum apostolis vicariatus isti? regressus, insinuationes, annatae, paruae datae, reseruaciones? Ad solam pompam et opulentiam spectat hodie totus Papismus. (*Christ. Rest.*, p. 449)

Tendo conseguido fugir da prisão inquisitorial francesa, Servet foi preso, processado e queimado com todos os exemplares de seu livro que puderam encontrar no dia 27 de outubro de 1553, na Genebra protestante. Esse resultado derivou, sem dúvida, da ação de Calvino, que havia feito a denúncia contra o réu por meio de um colaborador e que havia comparecido pessoalmente no tribunal para interrogá-lo.

Calvino é um modelo de concisão na escrita, com uma sintaxe que prima pela simplicidade, pela linearidade e pela “mesma brevidade que Calvino pratica em toda parte e que nenhum outro parece ser capaz de imitar” (HIGMAN, 1998, p. 296). Mas, se a escrita de Calvino era elegante e precisa, nos tratados polêmicos e contra seus adversários, assume o tom urgente e agudo do vitupério, e fala “a língua de Rabelais”, “a língua dos escritores cômicos” (HUGUET, 1916, p. 51).

Como exemplo, vejamos alguns trechos de uma defesa que Calvino publicou menos de três meses depois da execução de Servet, *A Defesa da Fé Verdadeira contra os erros monstruosos de Miguel Servet: onde se demonstra que os hereges devem ser reprimidos legitimamente com a espada, e, em particular, que o castigo aplicado a esse*

*homem tão ímpio em Genebra foi justo e merecido*⁹, também traduzida parcialmente por esta autora. Vejamos, pois, um primeiro exemplo de sua *Defensio*:

Mesmo dentre as outras monstruosidades dos erros pelos quais Satã tentou em nossa época obscurecer a luz do Evangelho que renasce, é especialmente detestável o amontoado de impiedades que Miguel Servet vomitou em seus livros impressos.

Quamquam inter alia errorum portenta, quibus Satan renascentis evangelii lucem hac aetate obruere conatus est, apprime detestabilis est impietatum congeries quam Michael Servetus libris editis evomuit. (*Defensio*, p. 457)

Outro exemplo:

Até então, contudo, eu não pensava que esse homem tinha de ser refutado em regra, uma vez que subjazia em seus delírios um absurdo tão grande que eu esperava que, se ninguém os confrontasse, eles, por si mesmos, haviam de se desvanecer em fumaça. (...) Mas soube depois, pelo relato de homens de bem, que havia me enganado... (...) Que se passa hoje em dia? A maioria, tendo abandonado até o pudor humano, zomba abertamente de Deus: irrompem nos mistérios sagrados de forma não menos insolente do que porcos, se enfiassem os focinhos num tesouro precioso.

Antehac tamen hominem non putavi ex professo refutandum, quia tanta suberat eius deliriis absurditas, ut nullo contra pugante, ultra in fenum abitura sperarem. (...) Postea ex bonorum virorum relatu agnoscere me fuisse deceptum. (...) Quid hodie? Maior pars, humano quoque pudore excusso, palam Deo illudit: in tremenda eius mysteria non minus proterve irrumpunt, quam si porci rostra in preciosum thesaurum ingererent. (*Defensio*, p. 457-8)

Para justificar a *severitas*, ou seja, a pena de morte, recorre à imagem de um membro gangrenado e putrefato que deve ser extirpado para salvar o restante do corpo:

⁹ *Defensio orthodoxae fidei de Sacra Trinitate, contra prodigiosos errores Michaelis Serveti Hispani: ubi ostenditur haereticos iure gladii coercendos esse, et nominatim de homine hoc tam impio iuste et merito sumptum Genevae fuisse supplicium.*

Além disso, é cruel essa “clemência” que louvam, de expor a ovelha à predação para que seja poupada pelos lobos. Eles matam as almas com o veneno dos dogmas perversos, e o poder legítimo da espada não terá acesso a seus corpos? O corpo inteiro de Cristo será dilacerado para que o fedor de um único membro apodrecido permaneça intacto?

Porro crudelis est ista quam laudant clementia, oves exponere in praedam ut lupis parcat. Animas ipsi pravorum dogmatum veneno interficiunt, et legitima gladii potestas ab ipsorum corporibus arcebitur? Lacerabitur totum Christi corpus, ut putridi unius membri intactus maneat foetor? (*Defensio*, p. 472)

Na opinião da autora deste artigo, é preciso, na tradução de textos como estes, manter algumas palavras que, embora talvez pudessem ter melhor solução em português, carregam carga imagética. Por exemplo, no trecho abaixo, foi mantida a opção por “descer”:

Mas quando a religião é abalada desde seus fundamentos mesmos, quando blasfêmias detestáveis são proferidas contra Deus, quando as almas são arrastadas para a perdição por dogmas ímpios e pestilenciais, quando, enfim, ensaia-se abertamente a deserção do Deus único e de sua pura doutrina, faz-se necessário descer a esse último recurso, a fim de que o veneno mortal não se espalhe mais.

Sed ubi a sui fundamentis convellitur religio, detestandae in Deum blasphemiae proferuntur, impiis et pestiferis dogmatibus in exitium rapiuntur animae, denique ubi palam defectio ab unico Deo puraque eius doctrina tentatur, ad extremum illud remedium descendere necesse est, ne mortale venenum longius serpat. (*Defensio*, p. 477)

Conclusão

Traduzir textos quinhentistas implica transitar não apenas entre línguas, mas também entre as várias mundivisões que coexistiam, fundiam-se e chocavam-se. A Europa do século XVI é um mundo em crise profunda, de efeitos irreversíveis. A biografia de Erasmo pode ilustrar todas essas transições: de órfão pobre de um país até então sem tradição literária a príncipe dos humanistas e conselheiro de Carlos V por viver em uma época em que o saber filológico se impunha sobre to-

dos os outros critérios de julgamento, mesmo o genealógico. Erasmo foi acusado de minar os fundamentos da Igreja com suas propostas de tradução da Vulgata, que, baseadas na filologia em detrimento do dogma, abriram espaço para questionamentos sobre temas que muito haviam custado à Igreja primitiva, como a Trindade. Acusado de provocar o cisma, mas sem jamais ter aderido à Reforma, o holandês, que havia alcançado “uma tal primazia e autoridade” como nenhuma outra na “história espiritual do mundo ocidental” (TELLE, 1974, p. 95), via seu mundo desmoronar. E, se ele havia sido indiscutivelmente o maior nome daquele primeiro momento de explosão da prensa de tipos móveis de Gutenberg, o fato é que a popularização do livro trouxe também duas ameaças a tudo aquilo que havia de erasmiano: a circulação de ideias perigosas em mãos erradas e a tradução para os diferentes vernáculos de tudo aquilo para o que ele havia concebido sua didática do latim.

Além disso, é perceptível que, se nas primeiras duas décadas do XVI algumas produções, como o próprio *Elogio da Loucura*, eram não apenas possíveis, como festejadas, tudo se alterou depois, quando, dos livros, os ataques passaram à realidade. O próprio Erasmo teve de deixar Basileia às pressas em 1529, quando Ecolampádio trouxe à cidade a Reforma e a vandalização de estátuas e igrejas¹⁰.

As sutilezas dos diálogos de sabor socrático e as ironias que constituíam uma posição filosófica diante da vida deram lugar a invectivas e acusações. Foi então que homens sinceramente cristãos se permitiram incluir em textos de cunho religioso o uso do linguajar próprio do vitupério e do riso invectivo.

O desafio – e a delícia – da tradução é manter essas camadas, sem perder de vista que o rebaixamento do adversário tem um fundo moralizante e, por isso, didático. A destruição de um deve servir à educação de outro, ou seja, do leitor. Por isso, este deve ser também levado a sentir-se superior, o que se expressa por meio do riso que rebaixa o risível.

Pelo fato de isso se dar em textos teológicos, um tradutor alinhado a uma ou outra corrente pode, talvez, ter a tentação de forçar a mão na versão de um texto, abrandando alguma outra possível. Assim, à proficiência nas línguas de origem e de chegada, somam-se aos requisitos a este tipo de tradução o distanciamento, por assim dizer, ideológico e um senso de humor capaz de dar conta da mais fina ironia e do insulto mais pesado.

10 Para os difíceis anos finais do humanista holandês, ver *L'enfer de Érasme*, de Marie Barral-Baron (2014).

É preciso ainda saber conviver e mesmo viver no oxímoro, essa figura de linguagem que marcou a produção letrada do século XVI. São textos que exigem o latim instrumental da teologia e, por outro lado, o léxico do iambo e da sátira. A uniformidade é aquela que advém da diversidade, e as mudanças de registro marcam também a troca de *persona* do autor – de preceptor a pregador, de humilde a escolhido por Deus etc. É preciso, pois, equilibrar-se em todos esses desequilíbrios com a consciência de que estamos trabalhando com algo que já se perdeu irremediavelmente, seja a possibilidade da certeza, fragmentada pela emergência da Modernidade, seja o emprego do latim, quer como a língua das Escrituras, quer como o idioma que, atemporal, inscreveria um texto na eternidade.

Referências bibliográficas

- AUKSI, P. *Christian plain style: the evolution of a spiritual ideal*. Montreal & Kingston & London & Buffalo: McGill-Queen's University Press, 1995.
- BARRAL-BARON, Marie. *L'enfer de Érasme*. Genève: Droz, 2014.
- BIAGIONI, M. *La Riforma radicale nell'Europa del Cinquecento*. Roma-Bari: Laterza, 2012.
- CALVINO, João. *A Instituição da Religião Cristã. tomo II. Livros III e IV*. Tradução de Elaine C. Sartorelli. São Paulo: Unesp, 2009.
- CAVE, Terence. *The Cornucopian Text. Problems of writing in the French Renaissance*. Oxford: Oxford University Press, 1979.
- DELISLE, J. & WOODSWORTH, J. *Les traducteurs dans l'histoire*. 3er. ed. Paris: Hermann, 1995.
- DESIDERII ERASMI. *Moriae encomion id est Stultitiae Laus. Opera omnia. Tomus quartus*. Ed. Clarence H. Miller. Amsterdã: North-Holland Publishing Co., 1979.
- DESIDERII ERASMI ROTERODAMI. *De duplici copia uerborum ac rerum*. Gymnicus, 1548.
- DOLET, E. *La manière de bien traduire d'un langue en autre*. Lyon, 1540.
- ERASMO, Desidério. *O Elogio da Loucura*. Tradução, introdução e notas de Elaine C. Sartorelli. São Paulo: Hedra, 2014.
- ERASMO, Desidério. *O Diálogo Ciceroniano*. Tradução, introdução e notas de Elaine C. Sartorelli. São Paulo: Unesp, 2013.
- ERASMO, Desidério. *Diálogo O Ciceroniano*. Coleção Grandes Nomes do Pensamento, no. 15. Tradução, introdução e notas de Elaine C. Sartorelli. São Paulo: Folha, 2015.
- FRIEDMAN, J. *Michael Servetus: a Case Study in Total Heresy*. Genève: Droz, 1978.

- HIGMAN, F. M. *Lire et découvrir: la circulation des idées au temps de la Réforme*. Genève: Droz, 1998.
- HUGUET, E. “La langue familière chez Calvin”, *Revue d’histoire littéraire* 23. 1916, p. 51.
- IOANNIS CALVINI *Defensio Orthodoxae Fidei De Sacra Trinitate, Contra Prodigiosos Errores Michaelis Serueti Hispani*, Series IV - Scripta Didactica Et Polemica. Genève: Droz, 2009.
- LEVINE, Joseph M. “Erasmus and the problem of the Johannine Comma”, *Journal of the History of Ideas*, Philadelphia, v. 58, n. 4, p. 573-596, 1997.
- LEVINE, Joseph M. *The autonomy of history: truth and method from Erasmus to Gibbon*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.
- LOWRY, M. “Erasmus as a translator”, *The Classical Review*, vol. 38, n. 1. Cambridge University Press, 1988, p. 134-136.
- MACK, Peter. *History of Renaissance Rhetoric. 1380-1620*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- MICHAELIS SERVETI *Christianismi Restitutio*. Ed. fac-simile. Frankfurt: Minerva, 1966.
- RUMMEL, E. *Erasmus as a translator of the classics*. Toronto: University of Toronto Press, 1985.
- SARTORELLI, E. C. “Os bárbaros de Erasmo”. In: SANTOS, E.C.P. & PRADO, J.B. (Eds.). *Antigos estranhos: alteridade e diversidade no Mundo Antigo*. São Paulo: LiberArs, 2022.
- SARTORELLI, E. C. “Estratégias de construção e de legitimação do *ethos* na *causa veritatis*: Miguel Servet e as polémicas religiosas do século XVI”. Tese apresentada ao PPG em Letras Clássicas da FFLCH, USP, para obtenção do título de Doutora em Letras, orientadora Profa. Dra. Ingeborg Braren. São Paulo, 2007.
- TELLE, E. L. *Erasmianus sive Ciceronianus d’Etienne Dolet, 1535*. Genève: Droz, 1974.
- TOURNOY, Gilbert. “Erasmus: ‘gracculus’ or ‘graeculus?’”, *Humanistica Lovaniensia*, Journal of Neo-Latin Studies, vol. LII. Leuven University Press, 2003, p. 405-6.
- TRACY, James D. *Erasmus of the Low Countries*. Berkeley: University of California Press, 2022.
- VALLA, Lorenzo. *Elegantiae Linguae Latinae*. 1441.